

João Senise abre os festejos aos 80 anos de Ivan Lins

PÁGINA 4



The Who demite baterista pela segunda vez

PÁGINA 5



'Hereditária' tem apresentações gratuitas na cidade

PÁGINA 7



## 2º CADERNO



Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**D**uas salvas de palmas, cronometradas pelo Correio da Manhã, acolheram a passagem de “O Agente Secreto” por 78º Festival de Cannes, neste domingo, na estreia do eletizante thriller de Kleber Mendonça Filho na briga pela Palma de Ouro. Teve um aplauso frenético ao subir dos créditos, de cinco minutos, e outro de oito minutos, no acender das luzes. Margareth Menezes, Ministra da Cultura da atual Era Lula, era uma das entusiastas de um filme que jorra tensão nas veias. A destreza de Kleber no trato com a cartilha do suspense e do cinema de espionagem (digo de “Três Dias Do Condor”) é notável e pode dar a ele a laurea de Melhor Direção. Wagner Moura, protagonista da fita em luminosa forma, atua nas raías do minimalismo.

“Quería fazer um filme nos anos 1970 como exercício histórico, partindo de uns detalhes que brotam do coração. Eu tinha nove anos em 1977, quando a trama se passa”, disse Kleber numa coletiva de imprensa improvisada ao fim da gala de “O Agente Secreto”, que lotou os 2,3 mil lugares da sala Grand Théâtre Lumière, no Palais des Festivals de Cannes. “A reconstituição do passado tem asperezas, que eu aqui misturei com ideias que iam



Soraya Ursine/Divulgação

*Ao som do frevo, o elenco atravessa o tapete vermelho de Cannes*

# Cannes ovaciona 'O Agente Secreto'

Thriller político de Kleber Mendonça Filho ambientado na Recife dos anos 1970 é forte candidato a prêmios no festival francês

aparecendo ao longo da escrita. O ponto de partida foi uma notícia de um jornal australiano que falava de uma perna encontrada no ventre de um tubarão.”

Essa premissa traz à tona a lem-

brança de “Veludo Azul” (1986), de David Lynch, em que um turbilhão de eventos se deflagra a partir de uma orelha encontrada num jardim. No caso de “O Agente Secreto”, há a tal perna, que mobi-

liza policiais num tempo de forte repressão, que é demarcado na delicada direção de arte de Thales Junqueira pela presença de retratos dos generais dos Anos de Chumbo nas paredes. Não se fala do governo

de farda verde oliva explicitamente. O que mobiliza o personagem de Wagner é um cerco de matadores que ferve em temperatura máxima.

“Estou aprendendo ainda sobre o filme que eu fiz. Acreditava que era a minha história mais masculina, mas vejo que ela tem uma participação forte de mulheres”, diz Kleber ao Correio, numa indagação sobre maternidade.

Kleber perfuma “O Agente Secreto” com o signo uterino ao narrar a busca de Marcelo (Wagner) por algum registro de sua mãe. Ele é um cientista, responsável por um laboratório numa universidade pública de Pernambuco que pesquisa energia. Ao desagradar um representante da indústria com ligações com a Eletrobras, ele passa a ser perseguido, sob a jura de morte. Chega ao ponto de abrigar numa pensão que é definida como um lar para refugiados. Mesmo nessa condição, ele almeja sair do país com seu filho pequeno, ajudado pelo sogro projectionista (Carlos Francisco) e por uma célula de resistência que tem a misteriosa Elsa (Maria Fernanda Cândido) como operativa.

Apostando num ritmo mais febril do que de “Bacurau” (Prêmio do Júri em Cannes em 2019), a edição estruturada pelos montadores Eduardo Serrano e Matheus Farias desafia as CNTPs do cinema nacional num frenesi de fugas e de paranoia. No elenco, Kairony Venâncio é um achado no segmento dos perseguidores de Marcelo.

O Festival de Cannes termina no próximo sábado (24), com a premiação. “O Agente Secreto” tem tudo para estar lá. É um memorável estudo da nossa burocracia e de ranços coronelistas.

# Godardmania

Jean Louis Fernandez/Divulgação



'Nouvelle Vague', de Richard Linklater, alimentou a saudade que a Croisette e a cinefilia de todo o planeta sentem do realizador de 'Acossado', que entrou para a História via semiologia

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**D**esde que Jean-Luc Godard (1930-2022) saiu de cena, num suicídio assistido, nenhum Festival de Cannes se passa sem menção ou tributo ao semiólogo supremo da língua francesa nas telas, com direito até a um tributo, contagiante, de um artesão indie dos EUA: Richard Linklater. Filme nenhum, entre as centenas de atrações já exibidas pela maratona audiovisual da Côte d'Azur em 2025, comoveu mais a plateia do que "Nouvelle Vague", exibido no sábado.

Nele, o diretor dá um 360° na História do século 20, pelas vias da cultura cinematográfica, a fim de



'Nouvelle Vague', de Richard Linklater, alimenta o amor de Cannes por Godard  
Divulgação MUBI



Jean-Luc Godard: o cineasta suíço nascido em Paris morreu em 2022, num suicídio assistido

retratar o set de filmagem de "Acossado" (1960). Foi ali que o crítico Godard passou ao posto de realizador, numa transformação que abriu precedente para uma nova forma de editar imagens e de usar a filosofia como eixo da construção de planos.

Apoiado num requintado visual em PB, assegurado pelo diretor de fotografia David Chabille, "Nouvelle Vague" bagunçou apostas acerca dos potenciais ganhadores das láureas de Cannes com o trabalho de direção mais maduro de Linklater. Ele entrou numa vibe de revisar os feitos de artistas de

veia indomável como o compositor Lorenz Hart (1895-1943), personagem central de "Blue Moon", que lançou na Berlinale, em fevereiro. Agora é Godard. Um Godard moleque ainda, vivido (com ironia) por Guillaume Marbeck.

Aos 29 anos, ele era um escriba de temperamento ferino da "Cahiers du Cinéma" (a bíblia da intelectualidade cinemática) quando resolveu rodar seu primeiro longa, para não ficar para trás dos colegas François Truffaut e Claude Chabrol, interpretados por Adrien Rouyard e Antoine Besson. Os dois, ao lado da belga Agnès Var-

da (1929-2019) inventaram a tal Nova Onda, o movimento que deu status de modernidade ao cinema francês, ao propor que cada exercício fílmico fosse uma revolução em si, na forma e no conteúdo. A centelha revolucionária de Godard se acende com a ideia de uma história de amor entre uma jovem de classe média metida a jornalista – figura encarnada por Jean Seberg, que, no longa visto em Cannes é encarnada por Zoey Deutch – e um malandro com pinta de gangster - Jean-Paul Belmondo, vivido esplendidamente por Aubry Dullin.

A cada nova tomada, Godard enlouquece a equipe, inflama o mítico fotógrafo Raoul Coutard (Matthieu Penchinat) e tira Seberg da zona de conforto.

Fortíssimo concorrente à Palma dourada, "Nouvelle Vague" é um dos (muitos) gestos de reverência ao legado godardiano.

Na Europa e nos EUA, festivais de narrativa documental do Velho Mundo e as salas de exibição ditas arthouse da França hoje se esforçam para encontrar um espaço para o curta "Scénarios", cujo roteiro foi deixado semifinalizado pelo cineasta, antes de sua partida. Exibido em Cannes, o filme é um tratado sobre a gênese e a decadência da sociedade ocidental, construído a partir de

imagens de arquivo, documentos e referências à espiral do DNA. Enquanto essa pequena, mas poética produção busca espaço em tela, streamings de todo o mundo abrem brecha para sua forma autoralíssima de narrar.

Repleto de ironia em seu script, "Scénarios" é uma experimentação filosófica de 18 minutos, concluída na véspera de ele morrer, há quase três anos. Acompanha o projeto um vídeo de 34 minutos no qual o próprio Godard apela para uma mixagem de arquivos a fim de deixar instruções acerca do modo como "Scénarios" deveria ser terminado e exibido.

"Palavras não são um sinônimo de linguagem, pois linguagem é algo além, é um conjunto de procedimentos de como empregamos signos. O problema é que as pessoas articulam esses signos sem a coragem de fantasiar o que aconteceria se as convenções fossem usadas de outra maneira", disse Godard ao Festival de Cannes de 2018, pouco antes de receber uma Palma de Ouro Honorária por "Imagem e Palavra", seu derradeiro longa.

Essas palavras ditas por ele à Croisette não se enquadraram num processo convencional de entrevista, ao vivo. Ele falou com Cannes de seu escritório, na Suíça, usando Facetime, num papo em que elogiou a herança cultural de entrevistados da Rússia, de Portugal e do Brasil e lamentou o fato de todos falarem em Inglês. "Quem nasce na Itália é italiano. Quem nasce na China é chinês. Quem nasce na França é francês. Mas quem nasce nos Estados Unidos leva o gentílico de americano. A onipotência deles é tanta que eles não levam o nome do país e, sim, do continente", disse o cineasta numa coletiva de imprensa nos anos 1990.

No império do efêmero que o mundo midiático virou sob o garrote das fake news, o cineasta franco-suíço responsável por injetar poesia na semiologia, saiu de cena fazendo de sua partida um espetáculo transgressor, desafiando o Tempo, deixando como legado 118 filmes (entre curtas e longas) e mais 12 produções para a TV (entre séries e especiais).

ENTREVISTA / LAURA TONKE, ATRIZ

# 'Pessoas inseguras, cá na Europa, culpam os refugiados pelas incertezas'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**R**esponsável por alguns dos momentos mais comoventes do 78º Festival de Cannes para além da briga pela Palma de Ouro, a berlinense Laura Tonke perpetuou o ônus e o bônus que reside na palavra “maternidade” ao aproximá-la do fantasma nazista em “Amrum”. A produção, já assegurada para o Brasil pela distribuidora Imovision, marca a volta do diretor alemão de ascendência turca Fatih Akin, ganhador do Urso de Ouro, há 21 anos, com “Contra a Parede” (2004).

Disposto a acolher o pedido de um amigo enfermo (o ator e realizador Hark Bohm), com quem estudou as regras básicas da realização, Akin aceitou a missão de reviver a II Guerra Mundial sob a ótica infantil de um garoto que cresceu sob a ideologia do III Reich, no início dos anos 1940, sem saber das atrocidades que o seu país cometeu sob o cabresto da SS. Jasper Billerbeck interpreta Nanning, um menino de 12 anos abalado pelas últimas semanas do conflito do Eixo contra os Aliados. Um segredo de família há de abalar a frágil paz do canteiro idílico onde vive com a mãe, papel de Laura. Nesta entrevista, a estrela de “Der Prank” (2025) e “Jupiter”



Rodrigo Fonseca

“*No filme, eu interpreto uma mulher cuja meta é criar seus filhos para eles se tornarem ‘bons nazistas’. Em parte, ela fazia isso em busca de segurança, na crença que mantinha no regime*”

Laura Tonke

(2023) nos alarma com a radiografia do que seus conterrâneos fazem politicamente.

**Fatih Akin afirmou em entrevistas em Cannes que “Amrum” é um filme sobre o presente. Até que ponto você concorda com ele?**

**Laura Tonke:** No filme, eu interpreto uma mulher cuja meta é criar seus filhos para eles se tornarem “bons nazistas”. Em parte, ela

fazia isso em busca de segurança, na crença que mantinha no regime. Isso me lembra o que passamos hoje, quando pessoas inseguras, cá na Europa, culpam os refugiados pelas incertezas que vivem. Quando a pandemia chegou, eu já notava o avanço de uma intolerância forte, mas ela piorou.

**De que modo a revisão crítica do Holocausto e seus bastidores**

**passa pelas gargantas alemãs?**

É um tópico essencial para lidarmos com a sensação histórica de estarmos sempre a evitar o entendimento sobre o que fizemos. Não precisamos de desculpas.

**Você se lembra do momento em que foi apresentada ao pretérito imperfeito da Alemanha em relação com o nazismo quando era criança?**

Foi por meio do livro “Quando Hitler Roubou O Coelho Cor-De-Rosa”, de Judith Kerr, que acabou virando filme, recentemente. Nunca aprendi o suficiente sobre o tema e tendo sempre ler muito sobre ele.

**Seu histórico de interpretação sempre se faz impressionar por sua habilidade de usar o silêncio como ferramenta de um certo existencialismo. Como é o silêncio em “Amrum”?**

Hille é uma mulher que perde a voz quando Hitler morre. Eis o seu silêncio. Naquela ilha, existe uma espécie de língua local, que só os amrumers falam. No entanto, nem esse falar se submete ao jugo nazista depois que o regime cai. O problema da personagem é que ela se porta como um cão a serviço dos ideais em que acreditou.

**De que maneira Fatih Akin te oferece espaço de criação no processo de atuar?**

Ele tem um instinto singular no set. Existe algo que o cerca que me aborrece. Fatih é sempre definido, no meu país, como um turco-alemão. A identidade turca é sempre usada não para destacar as raízes de sua família, mas para supor que ele não é germânico. Acontece que, sim, ele tem um pensamento germânico consigo e aplica isso ao que faz.

**O que você tem de projeto em cinema daqui pra frente?**

Tenho mais um painel sobre maternidade, baseado no livro “22 Bahnen”, um romance de sucesso de Caroline Wahl. Eu faço a mãe alcoólatra da trama.

## CORREIO CULTURAL

Reprodução Facebook do artista



Aposentado dos palcos, Milton curte a vida em viagem

## Milton cruza os EUA em viagem num motorhome

Aos 81 anos, Milton Nascimento prova que nunca é tarde para viver novas experiências. O cantor embarcou em uma aventura automobilística pelos Estados Unidos e vem compartilhando em suas redes sociais imagens de trechos da viagem feita a bordo de um motorhome.

As fotos mostram o artista

empolgado. Milton posta cliques em meio à natureza e lindas montanhas.

Encantados, fãs e amigos admiraram a viagem. “Coisa maravilhosa a energia de vida de vocês, amigos”, elogiou o cantor Jorge Vercillo. “Adoro”, comentou Fafá de Belém. “Se o homem está feliz, o Brasil também está!”, escreveu uma fã.

## Black Power

A história do movimento Black Rio ganha destaque no projeto CineSesc. O documentário “Black Rio! Black Power!”, de Emílio Domingos, será exibido em seis estados, entre eles o Rio de Janeiro, com 20 sessões na capital, Baixada e interior.

## Black Power II

O doc. retrata a origem dos bailes, com depoimentos de personagens que lembram como o movimento se espalhou e fortaleceu o orgulho racial, expresso nos cabelos black power, roupas descoladas e sapatos cavalos de aço, entre outros símbolos.

## Prejuízo grande

Durante a cobertura do Festival de Cannes com o podcast “Os Nordestinos Pelo Mundo”, o influenciador Leo Paiva teve todos os equipamentos furtados - o carro foi arrombado num estacionamento. O prejuízo foi superior a R\$ 100 mil.

## Prejuízo grande II

Abalado, tentou seguir a agenda e chegou a iniciar entrevista com Wagner Moura, mas não conseguiu conter o choro. Solidário, o ator prometeu remarcar o encontro. Leo recebeu apoio de artistas como Solange Almeida e Tico Santa Cruz.

Divulgação



Com sua carreira apadrinhada por Ivan Lins, o cantor João Senise apresenta nesta terça (20) o show ‘Abre Alas’ em que revisita o elegante repertório deste gigante da música brasileira

## Somos todos iguais no amor a Ivan Lins

Show de João Senise no Teatro Rival Petrobras nesta terça-feira reúne sucessos do compositor que completa 80 anos em junho

Por Affonso Nunes

Ivan Lins, um dos gigantes da MPB, vai completar 80 anos no próximo dia 16 de junho. Muitas homenagens, certamente, virão por aí. E o cantor João Senise dá início a elas com o show “Abre Alas – 80 anos de Ivan Lins” nesta terça (20), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. A relação entre o intérprete e o homenageado é de longa data: Ivan é o padrinho musical de João e participou do álbum “Abre Alas – Canções de Ivan Lins”, o segundo da discografia do cantor.

Cantor de timbre elegante e diction precisa, João Senise trem sua discografia é marcada por homenagens a grandes nomes da música brasileira e internacional com releituras que vão de Frank Sinatra a Tim Maia. “Gravei o CD em homenagem ao Ivan em 2014, quando ele estava prestes a completar 70 anos. Agora, chegando aos 80, volto para visitar este vasto repertório atemporal, que perpassa gerações”, justifica João ao Correio da Manhã, ao falar do tributo ao padrinho.

No repertório, clássicos como “Madalena” (eternizada na voz de Elis Regina), “Dinorah,

Dinorah”, “Lembra de Mim”, “Vitoriosa”, “Daquilo Que Eu Sei” e algumas novidades. No show, apresento músicas que ficaram de fora do CD como “Somos Todos Iguais essa Noite” e “Lua Soberana”, avisa.

Indagado sobre a sensação de reencontrar esse repertório 11 anos depois de gravar o disco, João observa que, ao vivo, “é sempre uma interpretação diferente”. “Nenhum show é igual, mesmo que sejam as mesmas músicas. O público varia, assim como a energia, a inspiração... E agora, com 11 anos de estrada, a forma de olhar as canções do Ivan também evoluiu. Então acho que será um show muito bacana, para o público curtir e cantar junto”, acredita.

Outro elo importante com o homenageado é Gilson Peranzetta, que assina a direção musical do show e toca piano ao lado de João. Tio do cantor, Peranzetta é um dos mais antigos colaboradores de Ivan, com quem construiu uma sólida parceria artística ao longo de décadas, como arranjador, instrumentista e compositor. Essa confluência entre gerações e histórias dá ao espetáculo um tom íntimo e reverente.

João Senise sobe ao palco acompanhado de Alexandre Cavallo (baixo) e Ricardo Costa (bateria), com as participações especiais de Gilson Peranzetta e do saxofonista e flautista Mauro Senise, pai do cantor.

Nome fundamental da MPB, Ivan Lins pavimentou uma carreira embalada pela sofisticação harmônica e expressividade melódica. Suas canções ganharam o mundo nas vozes de artistas como Elis Regina, Simone, Sarah Vaughan, Quincy Jones e Sting.

## SERVIÇO

## ABRE ALAS – 80 ANOS DE IVAN LINS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 – Cinelândia) 20/5, às 19h30

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Após 28 anos, Zak Starkey é dispensado em meio a divergências públicas e contesta versão oficial

# The Who demite novamente seu baterista

O The Who voltou a demitir o baterista Zak Starkey, encerrando uma relação que durava desde 1996. A decisão, anunciada por Pete Townshend nas redes sociais, ocorre um mês após a banda britânica voltar atrás em um desligamento anterior. “Chegou a hora de mudar”, escreveu o músico, um dos líderes do grupo. O guitarrista, que também desejou sorte a Starkey em seus “novos projetos”.

Contrariado, o baterista, no entanto, tem outra versão para o episódio. Disse ter sido afastado duas semanas após ser reintegrado e afirmou que os colegas de grupo lhe pediram para dizer que saía por vontade própria. “O que seria uma mentira”, escreveu ele, reafirmando seu vínculo com a banda e negando que



*Crítica explícita de Roger Daltrey motivou a primeira dispensa de Zak Starkey*

seus outros trabalhos tenham interferido em sua dedicação ao grupo. “Jamais teria deixado o The Who,

uma banda que eu amo”, rebateu.

A tensão se intensificou após um show beneficente no Royal

Albert Hall, em Londres, no mês passado. Durante a apresentação da canção “The Song Is Over”, o voca-

lista Roger Daltrey criticou publicamente o desempenho de Starkey, alegando que não conseguia cantar por conta da bateria. “Preciso ouvir a tonalidade para cantar essa música, e só escuto a bateria fazendo ‘bum, bum, bum’. Não consigo cantar isso. Desculpem, pessoal.”

Dias depois, o próprio Townshend tentou amenizar o episódio, dizendo que a saída anterior se devia a mal-entendidos internos. “Não houve convite para que Zak deixasse a banda”, publicou, à época. “Tínhamos questões pessoais a resolver.”

Desde a morte de Keith Moon, em 1978, o The Who teve três bateristas principais: Kenney Jones, que o substituiu oficialmente e gravou dois álbuns com a banda nos anos 1980; Simon Phillips, que participou da turnê de reunião em 1989; e Zak Starkey, o mais duradouro dos três. Outros músicos chegaram a substituí-lo pontualmente, mas sem integrar a formação oficial.

Filho de Ringo Starr e Maureen Starkey, Zak construiu carreira longe da sombra do ex-beatle. Além do The Who, tocou com bandas como Oasis e estabeleceu-se como músico requisitado no rock britânico.

## CRÍTICA / DISCO / AR

# Uma grande artista

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje trataremos do EP “Ar”, da Barbara Rodrix, lançamento do selo Pequeno Improviso, cuja capa traz apenas uma bela foto de Barbara, trabalho de uma cantora e compositora em fase luminar. Sua voz, desde sempre delicada e afinada, explode em pleno voo, alçado por ares ainda a serem descobertos pelo seu público.

Muito bem gravado, minuciosamente mixado e masterizado, o resultado é o que se pode chamar de “sonzão”. Engenharia que arrebatou a pujança da voz de Barbara, do som do violão de seis e do violão tenor, bem como do sopro do trompete.

Radicada em Portugal, Barbara fez uma temporada de shows no Brasil, em 2024, que antecedeu um single e o posterior lançamento das

seis faixas inéditas de Ar, já disponíveis nas plataformas. E foi assim, no breve tempo de uma semicolcheia vibrando em minha alma, que conheci “Ar”. A ele.

“Silêncio”: a voz vem e o violão a ampara. A capacidade interpretativa de Barbara ampliou a jovialidade que já me encantara desde que a ouvi, tempos atrás, mas precisamente em 2016, quando lançou Eu Mesma, seu primeiro álbum. Quase sussurrando a melodia, os versos brotam no terreno fértil da vida onde hoje habita a voz amadurecida e inconfundível de Barbara Rodrix.

“Santuário”: versos profundos saem da garganta de uma cantora que ao se mostrar tão pop e tão



profunda, se expõe. O arranjo tem pegada atizada por acordes que se repetem nos violões. E a poesia balança o peito do ouvinte.

“Ser”: inicia arritmo, com a voz de Barbara marcando o tempo junto com acordes do violão e o improviso do trompete que, ao final, dobra o desenho com som bestial.

“Nao Quero Muito Mais”: trompete e o tenor soam com a voz, no momento em que Barbara toca o seu objetivo de mostrar o que vem à mente da mulher sem barreiras, muito menos parti pris, assim como era o seu pai, o insubstituível Zé Rodrix.

Em “Ar”, faixa título do EP, Barbara segue seu fluxo rumo ao futuro e respira, transforma e cria. Sua voz se destaca em verdades sentidas, profundas. Já o trompete e o violão tenor se destacam pelo ardor com que vêm à cena.

“Medo”: “Todo esse medo que eu carrego aqui no peito/ Do desconhecido, da morte e da solidão/ Todo esse medo que e tao meu e que eu conheço tao bem/ Me

acompanha aonde vai meu coração (...). Valendo-se do trompete como clarim, Barbara Rodrix joga seus demônios no ar e assume compromisso com a vida e a música.

Ora, seus medos bem poderiam ficar retidos, não fosse ela uma mulher incendiária e libertadora – enfim, uma grande artista! Ouça o álbum em <https://11nk.dev/5vt3d>.

## Ficha técnica

Composição, voz e violão em todas as faixas: Barbara Rodrix; trompete: Diogo Duque; produção musical e violão tenor: Raul Misturada; mixagem e masterização: Tó Brandileone; foto da capa: Lorena Dini; comunicação e design/arte final da capa: Pamela Prudente; A&R Pequeno Improviso: Otávio Carvalho; imprensa: Stella Sanches.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# O sonho resiste no morro

Musical 'Moleque – O Morro canta Gonzaguinha' estreia em palcos cariocas com história de superação embalada por clássicos da MPB

Inspirado na obra de Gonzaguinha, o musical "Moleque – O Morro canta Gonzaguinha" estreia no Teatro Nathalia Timberg, na Barra da Tijuca, para curta temporada entre os dias 23 de maio e 8 de junho. O espetáculo traz uma trama original ambientada no Morro de São Carlos, costurada por canções emblemáticas do compositor, como "Espere por mim, Morena" e "E Vamos à Luta".

O enredo acompanha Luizinho, o "Moleque", jovem sonhador criado por pais adotivos e pela avó,

que deseja se tornar artista e preservar suas raízes. A história ganha fôlego quando o barracão da escola de samba da comunidade é destruído por um incêndio, desafiando o protagonista e sua família a escolher entre desistir ou recomeçar. Com 25 artistas em cena, o musical combina realidade social, afetos familiares e juventude em busca de identidade.

Filho do rei do baião, Luiz Gonzaga, e da cantora Odaléia Guedes dos Santos, Gonzaguinha (1945-1991) foi um dos artistas mais combativos da MPB. Criado



O elenco do musical 'Moleque O Morro canta Gonzaguinha'

por uma madrinha após a morte da mãe, construiu uma obra marcada pelo engajamento político, crítica social mas sua escrita romântica é marcante em seu cancionário. Sua trajetória de sucesso começa anos 1970, período da ditadura militar, com músicas como "Comportamento Geral", "Explode Coração" e "O Que É, o Que É?".

O texto é assinado por Nanan Gonzaga, Rafaela Amado e Paula Sandroni. A direção geral é de Rafaela Amado, com direção musical de Anna Hannickel. Para a diretora, a peça é "um retrato emocionante de resistência, música e amor", que homenageia os verdadeiros "artistas da vida" com suas dores e desamores.

## SERVIÇO

MOLEQUE - O MORRO CANTA GONZAGUINHA

Teatro Nathalia Timberg (Av. das Américas, 2000 – Barra da Tijuca)

De 23/5 a 8/6, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

## Expectativas familiares com leveza

Em cartaz até domingo no espaço Futuros – Arte e Tecnologia, no Flamengo, o espetáculo "Tem Bastante Espaço Aqui" convida o público a refletir, de forma lúdica e sensível, sobre as múltiplas formas de ser família nos dias de hoje. A dramaturgia de Letícia Leão acompanha Joana, uma menina de 7 anos vivida por Juliane Cruz, que vive com suas duas mães, Isabel (Monique Vaillé) e Beatriz (Carolina Godinho), em uma casa cercada pela natureza. Após uma aula online de ciências, Joana se depara com uma dúvida que a impulsiona a buscar respostas: de qual barriga ela nasceu?

Com uma câmera na mão e muitas perguntas na cabeça, a menina inicia uma jornada para descobrir sua origem e entender



Juliane Cruz em 'Tem Bastante Espaço Aqui'

melhor o que a torna quem é.

A peça é uma adaptação do curta-metragem "O Fundo dos Nossos Corações", de Letícia

Leão, que estreou no Festival do Rio em 2021 e colecionou prêmios em festivais nacionais e internacionais. Incentivada pelo público, Letícia decidiu levar a história para os palcos com as atrizes do filme, somando-se à diretora Juliana França, de Japeri, que enxerga no espetáculo uma celebração do amor em suas mais diversas formas.

## SERVIÇO

TEM BASTANTE ESPAÇO AQUI

Futuros – Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 – Flamengo)

Até 25/5, às sextas e sábados (16h) e domingos (15h)

Entrada franca, com retirada antecipada de ingressos pelo site <https://acesse.one/9eVlP>



Espetáculo ‘Hereditária’ une biografia, mitologia e acessibilidade em apresentações gratuitas nas zonas norte e oeste

**A**pós receber elogios do público e da crítica em temporada nos teatros do circuito Sesi-Firjan e no Centro Cultural Sérgio Porto, o espetáculo “Hereditária” segue em sua circulação pelo Rio com duas apresentações gratuitas neste mês de maio. O público poderá conferir a peça no dia 21, às 14h, na Areninha Cultural Terra, em Guadalupe, e no dia 28, às 15h, na Areninha Cultural Sandra Sá, em Santa Cruz.

Idealizado pela artista Moira Braga que, aos sete anos, foi diagnosticada com Stargardt, uma condição genética rara que provoca a perda progressiva da visão, o espetáculo propõe uma reflexão profunda sobre os múltiplos sentidos da hereditariedade — genética, social e afetiva. A dramaturgia, assinada por Moira em parceria com o diretor Pedro Sá Moraes, entrelaça memórias pessoais, ancestrais e referências mitológicas, como o mito grego das Moiras, oferecendo um olhar sensível e político sobre o que herdamos e o que escolhemos construir.

“Hereditária” foi indicado ao Prêmio Shell de Teatro nas categorias Direção e Cenografia, e ao Prêmio APTR na categoria Jovem Talento para a atriz Luíze Mendes Dias.

No palco, Moira contracenava com Luíze e Isadora Medella, com a encenação incorporando linguagem de sinais e audiodescrição, ampliando o conceito de acessibilidade. A direção musical, também

# Entre as tramas do destino



**A dramaturgia de ‘Hereditária’ entrelaça memórias pessoais, ancestrais e referências mitológicas, como o mito grego das Moiras**

de Pedro Sá Moraes e Isadora Medella, utiliza vozes, corpos e objetos cênicos como instrumentos, enquanto o cenário, criação do músico e artista plástico Ricardo Siri, é uma instalação sonora e visual que interage com a ação da peça.

A peça propõe uma nova abordagem sobre acessibilidade no teatro, ultrapassando a lógica de adaptação e fazendo da comunicação inclusiva um elemento central

da linguagem cênica. Libras e audiodescrição são integradas desde a concepção dramaturgica até os deslocamentos em cena, promovendo uma experiência sensorial ampla para todos os públicos.

A narrativa é entrecortada por canções originais compostas por Sá Moraes, e não segue o formato tradicional de teatro musical, apostando numa estética autoral e experimental. Os sons

são criados ao vivo, com o uso de objetos do cenário que, ao serem manipulados, compõem a ambiência da peça.

O trabalho de Moira Braga também ganhou visibilidade na televisão. Em 2022, ela participou da novela “Todas as Flores”, da TV Globo, interpretando a personagem Fafá. Em 2024, voltou à emissora como preparadora de elenco da novela “Renascer”.

## SERVIÇO

### HEREDITÁRIA

21/5, às 14h: Areninha Cultural Terra (Rua Marcos de Macedo, s/nº – Guadalupe)

28/5, às 15h: Areninha Cultural Sandra Sá (Rua 12, 1 – Conjunto Guandu, Santa Cruz)

Entrada franca, com distribuição por ordem de chegada uma hora antes do início na bilheteria

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.